

**VEREADOR VALTER NAGELSTEIN (MDB) – Comunicação de**

Líder: Meus colegas vereadores, Vereador-Presidente, vereadores da bancada do meu partido e senhoras e senhores. Tem uma questão da filosofia erística de um autor alemão Schopenhauer que diz o seguinte: “Acusa a pessoa de alguma coisa, que ela vai gastar tanto tempo se defendendo daquela acusação, e alguma coisa daquela acusação há de restar, que ela perde os outros argumentos e acaba perdendo o debate”.

Quero gastar muito pouco tempo com esse absurdo que todo mundo que pensa um pouco já constatou. Em determinado momento, no mandato passado, eu discuti com a Ver. Lourdes Sprenger, minha colega de Bancada; discuti como duas pessoas que têm argumentos diferentes, posições diferentes e, num determinado momento, podem afirmar essas posições diferentes.

Não era questão de gênero, eram duas pessoas iguais, homem e mulher, que estavam arguindo, discutindo ideias diferentes, às vezes, afirmando, de forma mais firme. Há machismo nisso? Pergunto o seguinte: eu tenho uma avó negra e, se tivesse um vereador – já tivemos o Delegado Cleiton – negro e eu, eventualmente, fosse discutir um tema do mandato com ele, o que não tem nada a ver com questão de raça, de etnia, por acaso poderia ser acusado, simplesmente, por estar discutindo com ele, de estar praticando o racismo? Vamos dizer que o Ver. Adeli fosse – mas não é – homossexual, pelo fato de eu, circunstancialmente, discutir ou argumentar alguma coisa com ele sobre o mandato, estaria sendo eu homofóbico? Claro que não! Primeiro porque ele teria o direito de ser o que ele quisesse ser, e depois porque as pessoas são aquilo que elas são. A minha discussão com a Ver.^a Mônica nasceu, e não deveria ter saído, num grupo interno de vereadores onde eu afirmei a ela uma posição, e disse: presidente, essa explicação que a senhora está dando, desculpe, com todo o respeito, não procede; ela já foi decidida por mim, na presidência, e referendada pela maior instância desta Casa, que é o plenário. Será que dizer isso, meus colegas vereadores que acompanharam o grupo, é machismo? Então o direito não é casuísmo, nem acusações são penas que se podem mudar a qualquer circunstância ou ao sabor de qualquer vento, ou se jogar ao vento! Como ela própria disse, ela está agarrada ao Regimento. Bom, se assim é, meus queridos amigos, Dr. Alexandre, todos – e disse de novo ali – os comandos do Direito Constitucional

Brasileiro hoje aqui foram atropelados, e dizer isso de novo não é desrespeitar a mulher Mônica Leal, mas é contestar a condução da Presidente, que circunstancialmente é mulher, mas é a figura da Presidente que tem que zelar pelo Regimento da Casa. Quando eu fiz a pergunta, Professor Wambert, se conhecia o autor das denúncias, é porque nesta história, tanto quanto a Presidente, eu também sou magistrado, e para que eu exerça a função de magistrado, eu não posso ver, Ver. Robaina, a acusação corrompida por interesses outros. A acusação até pode ter interesses outros, mas eu, como magistrado, não posso estar contaminado por esses interesses. E quando eu perguntei a ela se ela conhecia, é porque do ponto de vista técnico, alguém que é juiz e vai julgar, não pode conhecer a parte, não pode ter relação com a parte, de nenhuma natureza, quanto mais relação íntima, de amizade ou vinculação política. Foi por isso que eu perguntei, ao microfone, sem ofensa ou sem agressão, mas por uma questão técnica! Graças a Deus, estamos no parlamento, onde se pode falar, não estamos na ditadura! Tenho profundo carinho e respeito pelos Srs. Vereadores da Bancada do Partido Progressista, Ver. Ricardo, Ver. Nedel, Ver. Cassiá, e sempre tive muito respeito pela Ver.^a Mônica Leal, não quer dizer que eu não possa contestar os atos da Sra. Presidente, não quer dizer que eu não possa... (Som cortado automaticamente por limitação de tempo.) (Presidente concede tempo para o término do pronunciamento.) ...agora, vivi para ver algo que jamais imaginava. Ver. Cecchim, a Vereadora-Presidente subiu, em Tempo de Presidência, que, para mim, também é errado. O Tempo de Presidência é para defender questões institucionais da Casa, mas, enfim, dispõe dessa faculdade de a exercer, talvez com arbítrio, mas exerceu. E disse que tem ojeriza a bandido e a criminoso, assim como eu também tenho. E por incrível que pareça, foi aplaudida por aqueles que todos os dias aqui na frente da Câmara levanta, as faixas “Lula Livre” e defendem bandidos. Jamais pensei que pudesse ver esse dia, onde pessoa e PT se aliam, circunstancialmente, por interesses políticos. Eu tenho muitas críticas ao governo Marchezan, muitas. Como Presidente exercia a autonomia da presidência e afirmei o Parlamento. Agora, para além disso, não sou ingênuo. Para concluir, não me presto a ingenuidades. Aliás, ninguém aqui é, ninguém aqui é. Os senhores sabem qual é o propósito dessa questão, é o desgaste pessoal, que tem só um destinatário, ou só um que vai lucrar, é a extrema esquerda, essa é que tem a mania de afirmar para os outros, valores, princípios, modos de agir, que ela própria nunca pratica. Aliás, muito pelo contrário, se cansa exatamente em esfolar os

valores e os bons costumes e os bons princípios. Portanto, Sr. Presidente, meu respeito pela Sra. Presidente, mas que, quando eu tiver que fazer uma discussão, afirmar valores, ideias, princípios, não é este refúgio que eu considero o último dos refúgios. De não querer ter uma discussão por uma questão de gênero, que vai me impedir de falar a verdade, porque a verdade deve, em todos os ambientes, mas, especialmente, no Parlamento, que representa a esperança das pessoas sem prevalecer.

(Texto sem revisão final.)